



SÉRIE MEL E GELO

LIVRO DOIS

TRONO
DE PENAS E
OSSOS

SHANNON MAYER
KELLY ST CLARE



SHANNON MAYER
KELLY ST CLARE

TRONO
DE PENAS E
OSSOS

Tradução Marcia Blasques



Copyright © 2021 Shannon Mayer e Kelly St Clare

Os direitos morais das autoras estão assegurados.

Tradução para Língua Portuguesa © 2024 Marcia Blasques

Todos os direitos reservados à Astral Cultural e protegidos pela Lei 9.610, de 19.2.1998. É proibida a reprodução total ou parcial sem a expressa anuência da editora.

Editora

Natália Ortega

Editora de arte

Tâmizi Ribeiro

Produção editorial

Andressa Ciniciato, Brendha Rodrigues e Thais Taldivo

Preparação de texto

Pedro Siqueira

Revisão de texto

Alexandre Magalhães e Carlos César da Silva

Design da capa

Marcus Pallas

Livro digital

Lucas Camargo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Trono de penas e ossos [Livro eletrônico] / Shannon Mayer, Kelly St Clare; tradução de Marcia Blasques. — Bauru, SP : Astral Cultural, 2024.

1 Mb ; ePUB. (Coleção The honey and ice)

ISBN 978-65-5566-533-8 (e-book)

Título original: A throne of feathers and bone

1. Ficção canadense 2. Literatura fantástica I. Título II. Clare, Kelly St III. Marcia, Blasques

24-2170

CDD 813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção norte-americana

BAURU

Joaquim Anacleto

Bueno, 1-42

Jardim Contorno

CEP 17047-281

Telefone: (14) 3879-3877

SÃO PAULO

Rua Augusta, 101

Sala 1812, 18º andar

Consolação

CEP 01305-000

Telefone: (11) 3048-2900

E-mail: contato@astralcultural.com.br

1.

Os cascos retumbavam no solo macio da floresta encantada, abrindo caminho entre as flores da primavera. Os bramidos e bufos do kelpie terrestre obliteravam qualquer som de perseguição da corte Seelie, e, de maneira bizarra, os únicos outros sons que alcançavam meus ouvidos eram as batidas do meu coração e os grunhidos e palavrões ocasionais de Faolan.

Resgatada. Eu havia sido resgatada da morte por afogamento, depois de ser falsamente acusada de assassinar meu pai, o rei.

Eu me agarrava com toda força às grossas farpas de gelo na crina do kelpie. Embora Faolan e eu estivéssemos alojados entre dois dos três conjuntos de asas nas costas da criatura, eu não tinha a mínima vontade de cair e dar de cara com as perigosas farpas em sua cauda.

— Para onde estamos indo? — perguntei, olhando para trás.

Unimak era uma maldita ilha — só poderíamos correr até certo ponto antes de sermos impedidos pelo oceano.

O braço de Faolan se apertou ao redor da minha cintura, por cima do traje de pano de saco, com o qual eu fora vestida para minha execução. Sua voz estava rouca e baixa.

— Para o outro lado do rio, Vossa Majestade.

Vossa Majestade. Sim, certo. Talvez durante aquele um segundo entre a flecha perfurando a garganta do rei Aleksandr, enquanto ele me reivindicava como herdeira, e Adair gritando que eu o assassinara.

O repentino revirar do meu estômago não tinha nada a ver com o passo frenético do kelpie e, sim, com a memória fresca do sangue jorrando do pescoço do meu pai, mas deixei isso de lado. Sobreviver àquele dia vinha em primeiro lugar. Analisar toda a merda que tinha acontecido poderia ficar para depois.

Virando um pouco o corpo, olhei para trás e empalideci.

— Companhia? — Lan perguntou, como se estivéssemos falando sobre o tempo.

Engoli em seco diante da visão do que parecia ser a totalidade da guarda do rei e a maioria da Elite se aproximando de nós. Se não estivéssemos em um kelpie, jamais teríamos escapado do castelo e chegado tão longe.

Olhando para a frente, respondi:

— Eles não estão com cara de que querem uma xícara de açúcar emprestada.

Lan fez o kelpie seguir ao longo do rio Danaan, e ainda que a visão de nossa “companhia” não tenha inspirado um sentimento de derrota, a água agitada e esbranquiçada me fez considerar seriamente a rendição.

Minha boca secou.

— Talvez...

— Vamos voar por cima — Lan disse, bruscamente.

Merda. Lambi os lábios.

— A parte mais estreita do rio está na porção dos humanos...

— Vamos voar agora.

Lan transferiu seu peso para a direita, e um grito ficou preso na minha garganta enquanto as poderosas patas traseiras do kelpie se contraíam.

E então estávamos no ar. Senti um aperto no peito quando a terra sólida foi substituída por água gelada e escura — semelhante à água em que Adair tentara me afogar — e depois o solo rochoso.

O ar escapou dos meus pulmões quando o kelpie de três pares de asas aterrissou, e acho que meu coração quase parou de bater.

— Você está viva? — Faolan provocou.

Levei um momento para responder. Naquele ponto, depois de semanas sendo caçada, acusada falsamente de destruir Underhill e maltratada como sempre, eu não tinha muita certeza de como responder. Mas a voz dele ultrapassou meu medo de água, pelo menos, e meu coração voltou a bater.

Inspirei profundamente.

— Por enquanto, sim.

Por quanto tempo mais, eu não poderia dizer. Acabávamos de entrar na corte Unseelie, o território de Lan, e isso podia significar qualquer coisa. Os Seelies e os Unseelies tinham um equilíbrio mágico — porque eram diametralmente opostos. Projetados para permanecerem ao lado um do outro através das eras, sem *nunca* se tocarem ou se misturarem, para que o equilíbrio entre vida e morte continuasse o mesmo. No lado Seelie do rio, as árvores tinham troncos grossos e folhagem verde densa, tudo brilhando com purpurina. Embora os Unseelies tenham mantido a purpurina para os turistas, as árvores eram finas e retorcidas, cercadas por espinheiros afiados. Isso realmente definia o tom de uma corte muito mais sombria.

Regras mais rígidas. Corações mais duros. Morais mais frias.

Pelo menos foi o que me disseram — embora o mesmo pudesse ser dito para alguns que eu tinha encontrado na corte Seelie também.

— Por que exatamente você escolheu a corte Unseelie como nossa rota de fuga? — arrisquei, dando outro olhar para trás.

A guarda do rei acabara de alcançar a beira do rio. Eles haviam diminuído a velocidade, e eu podia imaginar o dilema deles. Deveriam atravessar e arriscar a ira da rainha Unseelie? Era a pergunta de um milhão de dólares.

Será que pelo menos tinham autorização para tomar esse tipo de decisão? E se não, quem teria coragem de dar a ordem e arcar com as consequências da rainha consorte, que estaria em modo de vingança total?

— Porque era o único lugar para ir. A missão de resgate de Cinth estava cheia de boas intenções, mas tinha alguns problemas logísticos. — Lan diminuiu a velocidade do kelpie quando ficamos fora de vista, sussurrando palavras suaves para a criatura feérica.

Um sorriso alargou meus lábios.

— Foi Cinth que organizou isso?

— Você esperaria menos? Pelo que sei, a notícia de que você tinha sido reivindicada como prisioneira pela corte Seelie chegou a Rubezahl. Cinth fez um escândalo para vir atrás de você.

— Ela tinha um plano para escapar depois, certo? — Só de pensar na possibilidade de ela ter sido capturada, minhas entranhas se torceram em um nó.

— Ela está segura — Lan garantiu. — Tem um encanto encobrindo os rastros dela.

Fechei os olhos, soltando o ar. Ótimo.

— Ruby estava lá também.

— Não. Ele enviou alguns párias, mas não veio pessoalmente.

Hum. Então aquele cruza-bico vermelho no ombro de Bres provavelmente não tinha sido um avatar no final das contas. Eu tinha uma forte suspeita, mas, é óbvio, eu estava à beira da morte, minha mente não funcionava a todo vapor.

Abri os olhos novamente e observei os espinheiros que retardavam o kelpie. A floresta ficava mais bem-cuidada quanto mais perto alguém chegava da corte Seelie. Aqui, a natureza se mostrava claramente contra nós, em um aviso claro para não prosseguir.

Esfreguei meu braço quando um galho fino chicoteou minha pele nua.

— Como Cinth colocou você nessa, então?

— Nós... nossos caminhos se cruzaram — ele responde, a postura rígida.

— Eu estava de olho em você.

Pestanejei e cerrei os dentes, enquanto o sangue inundava minhas bochechas. Pode me chamar de esquecida, mas entre papai querido deixando de lado sua vergonha para me nomear sua herdeira e minha madrasta tentando me matar, eu não tinha pensado no papel de Lan nisso tudo.

— Essa é uma maneira educada de dizer que você estava me seguindo desde o início, a mando da rainha Unseelie.

Será que foi por isso que ele me beijou? Como um jeito de me manter por perto? Essa ideia me incomodou, e por mais que eu odiasse admitir, aquela estupidez tinha dado certo.

O som suave dos passos do kelpie ficou mais alto quando atingimos os paralelepípedos irregulares. Eu só havia me aventurado na corte Unseelie uma vez, em uma excursão escolar, no que parecia ser uma eternidade atrás. Enquanto nossa corte era toda baseada em hierarquia — aqueles que a tinham e aqueles que não a tinham —, a rainha deles não organizava seus

súditos em castas. Era cada Unseelie por si. Eles encontravam um canto, e se pudessem lutar para mantê-lo, podiam ficar.

Lan permaneceu em silêncio atrás de mim.

— O que você disse ao seu amigo mesmo? — falei, sarcasticamente. — A rainha queria que eu continuasse viva, certo? Diga, neto de Lugh, faz quanto tempo que você sabe quem eu sou de verdade?

Ele se sobressaltou com o lembrete de sua linhagem.

— Eu soube assim que a rainha me deu as ordens. Ela me contou, para que eu entendesse a importância de ficar de olho em você.

Ele sabia o tempo todo. Suas pequenas gentilezas faziam mais sentido agora. O café da manhã, as provocações, o beijo. Para me manter por perto, ele tinha afastado sua tendência natural de me considerar inferior.

Que ótimo.

Eu não tinha palavras, o que, para mim, era raro.

Ele me segurou com mais força.

— Você sabe que eu fiz um juramento vinculativo de obedecer às ordens dela. Não tenho escolha quanto a isso, independentemente dos meus sentimentos.

Minhas sobrancelhas se ergueram, e eu achei minha língua.

— E você foi além, Lan. Realmente, deveria se orgulhar de si mesmo. Não vou me esquecer de te dar uma avaliação de cinco estrelas pelos seus talentos de atuação. Eles são impressionantes, se me permite dizer.

Porque, enquanto estávamos atravessando a floresta, ele me beijou como se mais ninguém existisse. Eu, ingenuamente, comecei a acreditar que éramos uma equipe.

Que estávamos juntos naquela confusão.

Que eu quase poderia...

Quase poderia confiar nele.

Aperto os lábios e tiro o braço dele que envolve a minha cintura, me endireitando nas costas do kelpie para pôr mais distância entre nós — distância de que eu nunca deveria ter aberto mão. Distância de que não me arriscaria abrir mão novamente.

Ele começou a dizer algo, mas balancei a cabeça com raiva.

— Pare. Obrigada por me tirar do castelo Seelie, mas eu valho mais do que a maneira como você tem me tratado nas últimas semanas... e não por causa de quem meu pai é. Era.

Foda-se eu e minha estúpida paixonite de infância pelo bad boy com coração.

Lan ficou em silêncio, e nós seguimos até o pico leste, em direção ao castelo. Musgo contornava as pedras escuras, e, de tempos em tempos, eu avistava plantinhas crescendo entre os tijolos — o que teria sido reconfortante se as flores não fossem pretas e as bagas, vermelho-sangue.

Contive um arrepio enquanto passávamos pelo parapeito. Os guardas me encararam antes de desviarem seus olhares desconfiados para o feérico atrás de mim e, relutantes, se afastaram. O kelpie parou diante das portas do castelo, reforçadas com ferro, e deslizei de suas costas, sibilando com a dor nos punhos quando eles roçaram no pelo branco e azul-pálido do animal, deixando um rastro de vermelho. As algemas de ferro dos guardas Seelie realmente tinham feito um estrago em mim.

Extraíndo energia azul das pedras sob meus pés, alimentei minha magia índigo e amorteci a dor, agradecendo às pedras por sua ajuda logo depois. Um pequeno rastro de musgo verde brilhante irrompeu ao redor dos meus pés, o que só me rendeu mais olhares furiosos dos guardas.

Que seja. Eles que se explodam depois do dia que tive.

Servos humanos abriram as portas, com os olhos baixos, e Faolan avançou à minha frente para entrar na imponente moradia da rainha Elisavana. Ao contrário do brilho dourado da sala do castelo Seelie, entramos imediatamente em um longo salão para convidados, de teto baixo, tão gelado quanto pouco convidativo. Meus passos ecoavam na pedra escura, e segui Lan por um corredor, tentando me recompor antes de ficar diante da rainha — o que não era fácil quando se está usando um vestido simples e se está coberta de sangue e arranhões. Meu estômago roncou alto, aumentando meu desconforto.

Faolan parou diante de uma porta de madeira discreta, com os ombros tensos. Ele me lançou um olhar, tempo suficiente para eu ver que o redemoinho de sua íris escura estava mais caótico do que nunca.

— Órfã...

— O quê? — Cruzei os braços.

A porta se abriu para dentro. Um guarda da rainha, do sexo masculino, estava lá, sorrindo.

— Não temos o dia todo, Seelie. Estamos todos ansiosos para ouvir sobre seu último deslize.

Franzi a testa, olhando para ele e para Lan. Mas o guarda não estava brincando. Eles não eram amigos, se os lábios apertados de fúria de Lan indicavam alguma coisa.

Faolan deu um passo em direção ao guarda e olhou nos olhos dele.

— Para isso é preciso que você se mexa, soldado.

— Parece que você tem um problema, então — o guarda zombou.

Lan descansou a mão na espada.

— Tenho?

O olhar do guarda foi para o punho da espada, e seus olhos ganharam uma expressão mais fria antes de ele olhar para cima novamente. Forçou um sorriso.

— Só estou brincando, Seelie. A rainha Elisavana está ansiosa por uma explicação para os eventos atuais.

Isso... não me parecia ser um bom presságio.

O guarda se afastou, e, ao passar por ele, encontrei seu olhar sem pestanejar. Ele não era nada se comparado a um conflito com crianças gigantes e encontros com espíritos de pessoas cintilantes e cinzentas.

Eu esperava um salão de audiências frio e desolado, então fiquei surpresa com as tapeçarias espessas cobrindo as paredes e a lareira acesa ocupando a metade da parede esquerda. Outra expectativa frustrada — a rainha não estava sentada em um trono, mas em pé diante de uma mesa carregada de comida.

Faolan parou e fez uma mesura profunda.

— Vossa Majestade.

— Levante-se, neto de Lugh — ela disse, com uma voz suave que me fez sentir um raio de desconfiança na espinha. — E me diga por que acabei de receber uma mensagem beirando a *ameaça* da rainha consorte Adair.

Isso me pegou de surpresa. Eu esperava que Adair se empoleirasse no trono ela mesma.

— Quem é o novo rei? — perguntei.

— Aquele inútil — ela respondeu, com um aceno de mão, os dedos riscando o ar. — Nunca consigo lembrar o nome dele. O irmão mais novo de Aleksandr. Aquele confuso e rechonchudo que não parece capaz de ferir um exército de mosquitos que sugassem dele o sangue necessário para viver.

Uma imagem bem vívida. E precisa também.

Minha testa relaxou. Óbvio. O tio Josef seria o próximo na linha sucessória depois de mim. Lembrei-me de como ele confortara Adair na minha execução. Eu teria me perguntado se ele havia planejado o assassinato do meu pai e meu fim, mas a rainha estava certa — ele não parecia ter nenhum instinto assassino.

— E você obedecerá à etiqueta ao me dirigir a palavra. — A voz da rainha não mudou, mas uma nova desconfiança me atingiu.

Eu me curvei em meu vestido simples.

— Peço desculpas, Vossa Majestade.

Por fim seu olhar azul frio se fixou no meu rosto, apenas para imediatamente se voltar a Faolan.

— Por que você a trouxe aqui?

Ele permaneceu à vontade.

— Estava seguindo suas ordens.

Ela resmungou, colocando uma framboesa na boca com um gesto delicado do punho.

— De fato.

— Eu as entendi mal, Vossa Majestade?

— A melhor pergunta é: você as entendeu? — Sua expressão endureceu.

— Conversarei com você hoje à noite, neto de Lugh.

A dispensa foi clara, embora ela não tivesse *me* dado permissão para sair.

No que Faolan tinha me metido agora? Em outra execução?

Ele lançou um olhar na minha direção e abriu a boca, mas pareceu pensar melhor antes de fazer qualquer objeção. Talvez tenha sido meu olhar gélido?

A rainha me chamou em direção à lareira, e eu dei as costas a Lan, para me juntar a ela. À medida que nos sentamos, a porta foi fechada; com uma rápida olhada confirmei que estávamos sozinhas, exceto pelo guarda zombeteiro no extremo oposto da sala.

— Kallik da Casa Real — a rainha disse, após arrumar o vestido de chiffon cinza-escuro para que pendesse em dobras régias. — Você traz muitos problemas.

Eu assenti.

— Os guardas do rei cruzaram o rio, Vossa Majestade? — Será que eu precisava dizer “Vossa Majestade” a cada vez que falasse com ela? Melhor apostar no seguro.

Ela sorriu, e seu sorriso não continha nem um grama de acolhimento. Se fosse em Adair, a expressão poderia ter sido servil. Naquela mulher, fiquei convencida de sua capacidade de me matar com um estalar de dedos.

Isso era tão reconfortante.

— Eles não se atreveriam — ela respondeu. — Pelo menos, não ainda.

Inclinei a cabeça em questionamento.

Ela ergueu um ombro.

— Poucas coisas fariam a corte Seelie se arriscar a nos perturbar. A morte do rei deles é uma delas. Adair quer o seu sangue, Kallik. Ela pode estar disposta a derramar o sangue dos meus súditos para chegar até você. Mesmo que inicie uma guerra.

— Eu não matei o rei. — Eu a interrompi.

Suas sobrancelhas se arquearam um pouco.

— Não? E também devo acreditar que você não teve parte no desaparecimento de Underhill?

Certo. Talvez eu tivesse atingido meu limite, e minhas sobrancelhas se franziram enquanto minha própria ira aumentava.

— Você se refere à falsa Underhill ou à verdadeira? — Dei um sorriso igual ao dela.

Só que o sorriso dela aumentou. Ela encarou o fogo.

— Imagino que seja difícil disparar uma flecha estando diretamente ao lado de seu alvo, especialmente sem um arco a tiracolo.

Sem brincadeira. Aí estava o enorme buraco na acusação de Adair. Exceto que ninguém ousara questionar a história dela.

— Também é difícil causar uma ferida de qualquer tipo pela parte da frente da garganta de alguém quando se está exatamente ao lado da pessoa — retruquei.

As mãos dela tremiam ligeiramente, mas seu rosto não demonstrava qualquer emoção quando voltou sua atenção para mim.

— O problema, jovem feérica, é que o seu destino não depende da verdade, mas do que os Seelies *acreditam*. Em outras palavras, o que é correto e verdadeiro pode não importar. Adair ainda não tem coragem de me acusar abertamente de ajudar você. Em vez disso, ela te liga aos párias no Triângulo. Com o tempo, no entanto, ela pode ganhar força e jogar a culpa também na minha corte. Por que eu daria refúgio à assassina do rei Aleksandr, ela poderia comentar, se não ordenei a execução dele na esperança de assumir o controle da corte Seelie?

Soltei um suspiro silencioso.

Deusa do céu e da terra, ela estava certa. Se eu ficasse ali, a já tensa relação entre as cortes se deterioraria ainda mais, talvez além de qualquer reparo. Unseelie e Seelie guerrearam intermitentemente ao longo das eras. Dado que Underhill tinha sido fechada havia muito mais tempo do que a

maioria das pessoas sabia, já era um momento delicado para os feéricos. O perigo da loucura pairava no ar, resultado de um feérico passar tempo demais sem colocar os pés em nosso lar ancestral. Já tinha encontrado um grupo de jovens gigantes e um errante que teriam se perdido na loucura se não fosse pela intervenção de Rubezahl. Do jeito que as coisas estavam... eu não podia dizer com certeza que a insanidade não havia se apossado de *mim*. Não depois do que fiz com aquele Unseelie depois de beijar Faolan. Tentei controlar um arrepio.

— Você não pode me dar refúgio.

— O que eu sugeriria — ela disse, com cuidado — é que você aproveite o tempo aqui para se recuperar e considerar sua posição. Sempre há um caminho que nos leva em direção ao que desejamos. — Seus olhos frios brilhavam. — Existe um caminho que você deveria seguir?

O tom da rainha acelerou meu pulso. Será que ela estava falando da entrada para a verdadeira Underhill? Aquela para que os espíritos me conduziram? Eu tinha chegado tão frustrantemente perto de abri-la...

Eu deixei Unimak na esperança de limpar meu nome. Esperando provar, de uma vez por todas, que não tinha destruído a entrada para Underhill. Eu havia falhado nisso — Adair convencera a corte Seelie da minha culpa —, mas também descobri um problema muito maior. O verdadeiro reino feérico tinha estado fechado para nós havia muito tempo, e muitas vidas dependiam de sua restauração.

Minha vida. A vida de Cinth. A vida de Ruby, de Drake e dos outros párias. Vidas humanas. Até a vida dos feéricos que me odiavam.

No entanto, eu não disse nada disso para a rainha. Ela sabia muito mais do que estava revelando — algo que deduzi do que Lan já tinha me informado —, mas confiança não era meu segundo nome. De jeito nenhum.

— Aproveite um tempo — a rainha repetiu, levantando-se. — Adair não tomará medidas em nome do rei Inútil tão cedo.

Eu me apressei em ficar de pé também, certa de que a matrona do orfanato tinha falado sobre isso em suas lições de etiqueta.

— Ok. Obrigada, rainha Elisavana. Fico muito grata.

O olhar dela desceu para meus punhos rasgados e queimados, e uma sombra escureceu sua expressão, desaparecendo no segundo seguinte.

— Não me agradeça ainda, Kallik da Casa Real.

Hesitei, incerta de como interpretar suas palavras. O que aquilo significava? Ela ainda iria me jogar por cima do parapeito, no final das contas?

Ela inclinou a cabeça em direção à porta.

— Vá. Coma. Tome um banho. Durma. — Quando me virei para sair, ela acrescentou: — E pense em reservar um momento para refletir que você não teve participação na morte do rei.

Bem, isso era meio difícil de esquecer. Eu me virei para trás, para olhar a rainha de cabelos escuros e dona de uma beleza gélida.

Ela me encarou solenemente.

— Em outras palavras, outra pessoa o matou, e talvez você saiba quem.

2.

As palavras da rainha Unseelie ecoavam na minha mente enquanto eu seguia a criada humana por um longo corredor acarpetado que levava até as entranhas do castelo. Será que, de maneira inconsciente, eu sabia quem tinha matado meu pai? Era isso que Elisavana queria dizer?

As rugas na minha testa pareciam esculpidas na minha face, e a criada humana — uma jovem com olhos castanhos profundos e cabelos da mesma cor — soltou uma exclamação quando parou diante de uma porta fechada e olhou para mim.

— Este é seu quarto. O banho está preparado para a senhora, e alguém trará roupas novas. Se precisar de ajuda para se vestir..

Eu levantei a mão e suavizei minha expressão.

— Desculpa, foram dias difíceis. Eu posso me vestir sozinha.

O sorriso dela foi fugaz ao se curvar e começar a se afastar.

— Espera.

Ela parou.

— Estou morrendo de fome. Você poderia trazer algo para eu comer?

Eu teria dado risada com o alívio no rosto dela, se não entendesse claramente o que aquilo significava. Ela estava acostumada a ser tratada

mal.

— Sim. Com certeza.

Com isso, ela se virou e saiu correndo.

— Obrigada! — exclamei e entrei no quarto.

Não havia luzes acesas, e eu tateei até encontrar uma conexão com algo de onde eu pudesse retirar calor, alguma coisa que criasse uma chama.

Ao olhar para o quarto através das lentes da minha magia, pude ver que havia um leve lampejo de fogo nas brasas da grande lareira bem diante de mim. Fui até a estrutura de pedra, puxei os fios vermelhos do elemento para a frente e ventilei as chamas, soprando-as, até que se reavivassem. Às vezes, a solução não vinha apenas da magia — algo que os feéricos puros tendiam a esquecer.

Joguei algumas madeiras da pilha ao meu lado, e logo o fogo estava rugindo e emitindo não apenas luz, mas um calor constante, que penetrava até os meus ossos. Suspirei. *Está bem melhor.*

Eu me virei e examinei o quarto.

A roupa de cama era de um bordô profundo, as cobertas e as cortinas penduradas no dossel, feitas de veludo pesado. O chão era de um mogno rico, assim como os móveis restantes — uma mesa, um conjunto de cadeiras e uma escrivaninha —, mas todos os outros detalhes desapareceram quando olhei para o que havia no meio do quarto.

Uma enorme banheira que poderia facilmente acomodar quatro pessoas. A borda no nível do chão. Eu poderia ter me machucado se tivesse caído dentro dela quando atravessasse o quarto, mas estava disposta a perdoá-la pelo quase acidente. Vapor subia da água, gotículas revestindo a borda de cobre martelado. Pelo cheiro de lavanda e de eucalipto, alguém havia enchido a água com ervas que ajudariam nas minhas lesões.

Me despi com um gemido. Com cada movimento eu sentia minhas inúmeras feridas e arranhões, e fiz várias caretas, retardando meus movimentos até que finalmente estivesse nua.

E não tinha armas, já que todas haviam sido tiradas de mim, e isso — mais do que a nudez — me deixava com uma sensação de... estar exposta. Circulando pelo quarto, encontrei um abridor de cartas com uma ponta afiada na escrivaninha, junto a um garfo que fora deixado para trás em algum momento.

Não eram exatamente armas de alto impacto, mas serviam.

Eu me sentei na borda da banheira e então deslizei para dentro, a água arrancando um sibilo dos meus lábios. A água quente estava no limite do suportável, mas mergulhei até o peito e depois recostei o corpo, com um suspiro cansado.

Merda. Que... dia? Semana? Mês?

Eu estava cansada além da compreensão.

Havia um banco sob a água, e coloquei meu abridor de cartas de um lado e o garfo letal do outro. Talvez eu chamasse o garfo de Presas da Morte. Isso faria meus inimigos fugirem aterrorizados.

Minhas pálpebras se fecharam, e pensei nas palavras da rainha — novamente. Talvez ela não estivesse sugerindo que eu já sabia quem matara meu pai. Talvez apenas acreditasse que eu poderia descobrir.

Quem se beneficiaria com a morte do meu pai?

A resposta óbvia era sua herdeira — eu. Mas como eu sabia que não tinha feito isso...

Hum, Adair teria sido minha principal suspeita, mas, na verdade, ela não assumiu o trono. O tio Josef era o segundo na linha de sucessão, depois de mim. Lógico, se Adair alguma vez tivesse me dado um irmão ou uma

irmã, esse filho teria sido o herdeiro legítimo, em vez da bastarda mestiça — mas isso nunca aconteceu. Até onde eu sabia, não havia nem mesmo primos distantes nas cortes irlandesas ou nas cortes da Louisiana, de onde Drake era, que pudessem ter vontade de disputar o trono.

A menos que o rei Aleksandr tivesse outros inimigos dos quais eu não estava ciente. Realmente não havia muito mais na lista de potenciais assassinos. Apesar do meu relacionamento conturbado com meu pai, ele era muito amado pelos Seelies.

Voltei minha atenção para Adair e Josef, lembrando de ver a mão dele nas costas dela. Ela o tocando suavemente no baile.

Um toque delicado. Até *íntimo*.

— Merda. Eles estão transando! — Arregalei os olhos diante dessa compreensão súbita e esclarecedora... e dei de cara com os olhos dourados de alguém vestido de preto. A pessoa estava agachada na outra extremidade da banheira, com uma adaga curta na mão.

Não havia tempo para pensar.

Ataquei-o com o abridor de cartas na mão direita enquanto o agarrava com a esquerda e o puxava para dentro da água. Três golpes curtos e precisos com o abridor de cartas na lateral do pescoço, e ele ficou mole, com o rosto para baixo, a água borbulhando enquanto ele dava seu último suspiro.

Afastei-me às pressas, pegando meu garfo enquanto saía da água rosada, respingando-a pelo chão de pedra. Fiquei de costas para a lareira. Com adrenalina correndo nas minhas veias, eu observei ao redor do quarto, esperando outro assassino.

Aquele era um assassino de verdade. Alguém tentara me *matar*. Talvez eu não devesse ficar chocada com isso, depois dos acontecimentos

recentes, mas, de alguma forma, uma tentativa direta de assassinato por um estranho era diferente de participar de uma batalha ou um duelo. Diferente até mesmo da minha quase execução.

A porta do quarto foi aberta, e a criada humana entrou discretamente.

— Minha senhora, eu preparei algumas coisas... — Seus olhos pousaram em mim, antes de desviarem para a banheira onde meu visitante boiava virado para baixo. — Ah.

— Vá buscar Faolan — murmurei.

Mas não era necessário. Ele entrou logo atrás dela.

Ele absorveu a cena com um olhar rápido, detendo-se mais tempo no meu corpo nu do que no corpo *que estava* na banheira, depois tocou o ombro da criada.

— Chame o general Stryk.

Eu não me movi da minha posição em frente à lareira, embora o desejo de me cobrir estivesse bem presente. A nudez não era algo que me preocupava muito, mas com Faolan... aquelas feridas emocionais ainda estavam sangrando apesar do meu desejo de selá-las.

Cruzei os braços.

— Isso é um garfo? — ele perguntou, tirando a camiseta bem devagar.

Minha boca ficou seca, e minha raiva traiçoeira encontrou outras formas de se manifestar. Porque eu estava nua, e ele estava caminhando na minha direção enquanto tirava a roupa. Minha respiração estava acelerada? Lógico que sim. Mas era medo. Os efeitos colaterais da adrenalina.

E, droga, era um pouco de desejo também.

Ele parou ao alcance do braço e estendeu a camiseta.

— Você vai querer vestir isso até que roupas novas cheguem.

Não gostei de como minha mão tremeu quando peguei a camiseta e a passei pela cabeça. Ela ficou presa nas pontas do Presas da Morte, mas me recusei a largar minha única arma.

— É, é um garfo. Deixei o abridor de cartas na banheira.

As sobrancelhas dele se ergueram.

— Você o matou com um abridor de cartas.

— Olha, era tudo o que eu tinha — retruquei, cruzando os braços sobre o peito novamente. A camiseta dele mal chegava ao topo das minhas coxas. Eu estava coberta, mas aquela roupa curta, de certa forma, parecia deixar tudo mais tenso.

O barulho de armas e armaduras anunciou a chegada do general, que tinha cabelo grisalho curto e olhos bordô, que combinavam bem com a decoração do ambiente. Ele entrou no quarto e deu a volta na banheira. Com um movimento de mão, sua magia, também bordô, se enrolou ao redor de seu braço e avançou para erguer o assassino.

A água na banheira congelou enquanto ele usava seu calor para alimentar a magia Unseelie. Com outro movimento de mão, ele virou o assassino e arrancou a máscara dele.

— *Escória Seelie* — rosnou, depois olhou para mim. As linhas duras e as cicatrizes, uma em cada lado do rosto, não deixavam dúvidas de que se tratava de um guerreiro. — Você o matou?

— Com um abridor de cartas — Faolan disse. Havia um toque de orgulho em sua voz? Por que raios? Ele não me ensinou a lutar. Essa honra era de Bres, que me conduziu até minha execução.

Os olhos do general brilharam.

— Um abridor de cartas. — Ele foi até o corpo e inspecionou o pescoço.
— Excelentes golpes. Sua arma secundária?

Engoli em seco. *Presas da Morte.*

— Um garfo.

Ele paralisou, e então seus ombros começaram a sacudir.

— Um maldito garfo? Que a deusa me amaldiçoe se eu começar a gostar de você, mestiça Seelie.

Obrigada? Eu não tinha certeza do que pensar desse homem.

Ele me avaliou novamente.

— Então você matará os Seelies que vierem atrás de você?

Um aceno lento foi tudo o que consegui fazer.

— O meu objetivo é sobreviver.

Ele sorriu, e o gesto suavizou as linhas duras em seu rosto.

— Excelente.

Talvez eu pudesse gostar dele também. Ele me lembrava Bres, embora, com sorte, não fosse tentar me conduzir até a morte. Ele se virou para os dois guardas na porta que o acompanhavam. Ambos usavam o uniforme de couro preto com a lua crescente vermelha bordada sobre o coração.

— Cada guarda do castelo, de serviço ou fora dele, deve se apresentar nos alojamentos para levar dez chibatadas ao longo das próximas quatro horas.

Eles bateram continência, e eu fiquei boquiaberta.

— Isso é necessário?

O general Stryk me olhou de soslaio.

— Isso — ele apontou para o corpo do assassino caído — é inaceitável. Mesmo que eu não dê a mínima se *você* morrer, esse assassino poderia ter vindo atrás da nossa rainha com a mesma facilidade. Os homens foram descuidados. — Seus olhos se voltaram para Faolan. — Vinte chibatadas para você, neto de Lugh.

Faolan bateu continência.

— Sim, senhor.

O general sorriu mais uma vez, e eu já não achava que nos daríamos bem. Aquela decisão era brutal e exatamente o que eu esperaria dos Unseelies.

— Agora — ele disse, em um tom de voz satisfeito. — Já que você já está sem camisa.

A mandíbula de Faolan se contraiu, mas ele acenou com a cabeça e pôs as mãos na parede de pedra ao lado da lareira. Atrás de nós, a criada deu um grito agudo e saiu correndo do quarto, batendo a porta atrás de si.

Eu me posicionei entre Lan e o general, segurando meu garfo.

— Ele nem estava aqui. E a rainha...

— Não o defenda, Seelie. O trabalho dele era vigiar você e mantê-la em segurança. Em vez disso, ele deixou um assassino *entrar no seu quarto*. — O general Stryk moveu a mão na minha direção, e sua magia me envolveu como uma serpente... de maneira gentil, devo dizer. Ele me colocou sentada na cama, e me vi encarando as costas nuas e tensas de Lan.

Lutei contra a magia que me segurava, mas não consegui me livrar dela.

O general tirou um longo chicote de couro da lateral do corpo. O brilho que vinha dele me mostrou tudo o que eu precisava saber. Assim como nas cordas com que tinham me amarrado recentemente, havia filamentos de ferro entrelaçados. Minha magia rodopiou para cima por puro instinto, mas pairou inutilmente, aguardando instruções que eu não tinha ideia de como dar.

O general sacudiu o chicote, e a primeira chibatada atingiu as costas nuas de Lan. Ele sequer pestanejou.

— Pare com isso — ordenei, injetando poder nas minhas palavras. O general me ignorou, e a fúria se infiltrou nos meus ossos.

— Não — Lan disse, entredentes. — Não faça isso, Órfã.

Outra chibatada, e outra, até a pele em suas costas ceder e se abrir, com sangue escorrendo livremente das feridas.

Não me importava que ele tivesse machucado meu coração, aquilo era... pior. Porque eu sabia que não era justo, e não havia absolutamente nada que eu pudesse fazer. Minha magia surgiu novamente, redemoinhos índigo-escuros se aglomerando ao meu redor, sussurrando, me instigando a usá-la, e eu lutei para empurrá-la contra a dominação bordô do general.

Ele sequer olhou para mim. Em vez disso, se empertigando, ele deu uma respirada depois de dez chibatadas, antes de levantar o braço novamente.

Minha magia girava e colidia no vermelho terroso da magia dele. E então... abriu caminho *à força*. Eu arfei e hesitei ao ver o bordô que envolvia minha magia índigo.

Por fim, o general parou e olhou para mim.

— O que você está fazendo?

Eu não sabia, mas eu ia contar isso a ele? Não. Ainda operando por instinto, empurrei minha magia para dentro da dele, esperando que isso a estourasse como um balão. Para ser franca, eu não tinha ideia do que poderia acontecer. Talvez desse *mais* poder a ele.

Minha magia se afastou da magia bordô e desapareceu.

Ótimo.

Aquilo... não era nem um pouco útil, que a deusa me amaldiçoasse de verdade.

As chibatadas recomeçaram, e eu não conseguia segurar minhas lágrimas. Eu as contava mentalmente, minhas lágrimas e as chibatadas.

Uma a uma.

— Leve-a para a suíte ao lado da rainha Elisavana — o general disse, com o mesmo tom agradável. — Você ficará com ela... — Ele apontou um dedo na minha direção enquanto deixava a magia que me mantinha cativa se dispersar. — Você deve ficar ao lado dela a cada hora da noite e do dia até novo aviso, ou eu farei questão de lhe mostrar exatamente onde você se encaixa na nossa corte.

Faolan se virou e saudou o general, embora houvesse alguma rigidez no movimento.

— Sim, senhor.

3.

Estou deitada em um quarto, ao lado dos aposentos reais da rainha Unseelie, olhando para o teto. Como se a proximidade dela não fosse desconfortável o suficiente, o cara com quem eu estava zangada, mas por quem também sentia um forte instinto de proteção, estava deitado ao meu lado.

Ele tinha aguentado vinte chibatadas, mas precisava permanecer alerta. Sim, nenhum emplastro entorpecente ou chá de casca de salgueiro para Faolan, mas pelo menos eu o convenci a descansar de bruços na cama, em vez de manter vigília todo irritado na porta.

Um erro, pensando bem.

Meu corpo parecia impregnado de consciência. Tensão. Eu não sabia se me virar para longe dele ou encurtar a distância entre nós era a solução. Inspirei pelo nariz, com o corpo reto, os braços e as pernas travados.

— Vá dormir — Faolan murmurou.

— Não consigo — respondi.

A cama afundou, e fiquei tensa. Ele tinha se aproximado? Ou se afastado mais? Meu coração batia com força.

Sua voz tinha uma pontada de agonia, mas, fora isso, era baixa.

— E por que não, Vossa Majestade?

— Primeiro, pare de me chamar assim. Segundo... — Procurei uma mentira. — Porque as práticas aqui são bárbaras.

— Na sua opinião muito tendenciosa de Seelie.

Virei para encará-lo, embora não pudesse distinguir nada além de sua silhueta na escuridão.

— Como essa não é sua opinião também? Eles tratam você como um intruso.

Ele ficou em silêncio.

Lan era o neto de um herói Seelie. Os Seelies de alto escalão o odiavam por isso, mas não ter escapatória mesmo aqui...

— Como foi ser designado para essa corte?

Ele suspirou.

— Nós dois sabemos que os Seelies têm a tendência de se considerarem superiores a todos. E a coisa que os tratados como inferiores mais gostam é de ver os poderosos caírem. — Ele passou a mão na cabeça.

Não dava para negar que os Seelies carregavam o vício do orgulho. Mas...

— Você nunca se considerou acima de ninguém.

— Pode ser. Mas sou neto de Lugh, você não ouviu? — ele perguntou, e notei uma amargura nas entrelinhas. — Eles esperam muito de mim, e eu não consigo estar à altura do legado do meu avô.

Eu duvidava de que alguém pudesse.

Me remexi para ficar confortável, precisava de mais uma hora inteira naquele banho para aliviar por completo minhas dores e desconfortos. Enfiei as mãos embaixo da cabeça.

— Não sabia que isso te afetava. Você nunca parece incomodado com nada.

Passou um instante.

— Estar aqui... o bom e o ruim estão em grande parte equilibrados. — Ele suspirou, mudando de posição novamente.

Fiquei tensa, e uma descarga de eletricidade percorreu meu corpo quando o joelho dele roçou na minha coxa. Sem respirar, recuei minha perna alguns centímetros.

— Oi? — perguntei, ofegante. *Droga, Kallik. Reconponha-se.*

— Não preciso mais viver uma mentira. — A voz dele tinha se aprofundado. Aquilo não era minha imaginação.

— Qual era a mentira? — murmurei, franzindo a testa ao perceber a rouquidão da minha voz.

Minha perna estava tocando a dele de novo. E dessa vez, continuei na mesma posição.

Algo dentro de mim relaxou, como se o calor do banho estivesse penetrando novamente os meus músculos cansados e as minhas articulações machucadas. Nós nos inclinamos para mais perto um do outro, ao mesmo tempo, e, à medida que sua forma escura se estendia em minha direção, senti minha magia aceitar o convite para participar da dança proibida.

Sua voz tinha uma propriedade relaxante que refletia o calor permeando meu corpo.

— A mentira era fingir que eu não sabia que minha magia era Unseelie. A morte me seguia, e escondê-la havia se tornado difícil.

Ele sabia disso antes da seleção?

— Quando você descobriu?

— Minha mãe escondeu por anos, encobrindo os efeitos do uso da minha magia. Descobri a verdade aos dezesseis anos.

Foi quando ele parou de me visitar com tanta frequência.

— Ela tentou proteger você.

Minha magia começou a se entrelaçar na dele, e como se não gostasse daquele desenrolar gradual e hesitante, sua magia avançou para envolvê-la.

Ele ironizou.

— Me proteger? Não.

Levei um instante para entender que a raiva e o sentimento de traição que se alastravam na minha mente e no meu coração não eram meus. Respirei fundo. Uma porta escondida se abria entre nós, e acessei uma lembrança que não era minha.

A pessoa à minha frente sorriu enquanto voltava para a família no lado oeste do rio, um feérico Seelie selecionado.

Era uma das raras ocasiões em que Unseelie e Seelie se encontravam no mesmo espaço. Uma ponte larga atravessava o rio que servia como divisa, e a corte mais sombria observava do lado leste, só se movendo de seu silêncio gélido quando um deles era confirmado como Unseelie.

A rainha deles recuou, enquanto o rei Aleksandr se voltava para mim, sua expressão ameaçadora e séria como sempre.

— *Neto de Lugh. Dê um passo à frente.*

Era isso.

Mesmo sabendo o que aconteceria, eu me juntei à fila de feéricos de dezesseis anos esperando serem selecionados para uma das cortes. Como se fazer isso pudesse impedir o inevitável. Como se pudesse esconder a verdade sobre minha magia.

Eu odiava aquilo.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Trono de penas e ossos"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).